trata da reciprocidade trinitária do Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho na vida divina. Na terceira parte, orienta-se para a relação do Espírito Santo com o Filho nas suas missões temporais. Na quarta, versa sobre a reciprocidade do Espírito no homem e na sua vida sacramental. Em anexo, o livro apresenta o texto da «Clarificação» de 8 de Setembro de 1995.

Luís Salgado

Sesboüé, Bernard, **Invitación a creer. Unos sacramentos creíbles y deseables**, col. «Frontera», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2010, 472 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-3638-7.

O conhecido teólogo jesuíta, professor da Faculdade de Teologia do Centre Sêvres, em Paris, parte, neste livro, da verificação de que os sacramentos se tornaram pouco atractivos, pouco procurados e mesmo objecto de criticas. Muitos deixaram de os procurar; a sua obrigatoriedade já não funciona por si mesma; para muitos trata-se quase apenas de ritos mágicos. Propõe então, no mesmo livro, proceder a uma exposição teológica e pastoral sobre os sacramentos com o objectivo de contribuir para que eles se tornem credíveis e desejáveis, a acolher como abraços de Cristo e expressão da ternura de Deus.

É um livro que está na continuação de outro que em linha semelhante, procurava despertar o interesse pela vivência da fé: Na tradução espanhola, *Creer. Invitación a la fe católica para las mujeres y los hombres del siglo XXI* (San Pablo, Madrid, 2000). E resulta de uma série de conferências proferidas pelo autor no Centre Sêvres. Tem por isso a vantagem de não ser uma exposição teológica fria e mais ou menos esotérica; antes está escrito em linguagem acessível ao grande público e carregada do dom e do poder de quem comunica uma alegre e bem-vinda mensagem. Ao mesmo tempo que útil, ela própria se torna, por isso, de agradável leitura.

A sua exposição contempla dez capítulos, dedicando um a cada sacramento, mas desdobrando a Eucaristia em dois e o conjunto sendo precedido de um capítulo introdutório sobre o porquê dos sacramentos e de outro sobre Jesus Cristo como primeiro sacramento de onde promanam os sacramentos da Igreja.

No capítulo sobre o porquê dos sacramentos, expõe especialmente sobre o lugar dos ritos na nossa vida e nas religiões, bem como sobre o seu significado, concluindo que o sacramento «é um símbolo no sentido forte do termo». Se Cristo é apresentado como o primeiro sacramento de onde promanam os sacramentos que a Igreja faz e que fazem a Igreja, o Baptismo é dado como fundamento da identidade cristã; a Confirmação como a plenitude do Baptismo; a Eucaristia como o cume de todos; a Unção dos Doentes como expressão da ternura de Deus para com a humanidade que sofre; e assim sucessivamente. Um glossário de termos mais técnicos (pp. 439-460) é útil para quem esteja menos familiarizado com a linguagem da ciência teológica.

Pode dizer-se que estamos em face de um bom manual para o povo de Deus em geral, capaz de suscitar aquilo que está no seu propósito de fundo: tornar os sacramentos credíveis e desejáveis.

Jorge Coutinho

Martínez Fresneda, Francisco, **Jesús, hijo y hermano**, col. «Monumenta», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2010, 715 p., 240 x 165, ISBN 978-84-285-3696-7.

Martínez Fresneda, conhecido professor de Cristologia no Instituto Teológico de Múrcia (ligado aos Padres franciscanos), e que também lecciona Mensagem Cristã na Faculdade de Educação da Universidade local, apresenta neste volumoso livro uma cristologia em modo narrativo. Evitando a exposição no modo sistemático, mais tradicional, que encerra em si a desvantagem de apresentar um Cristo em esquemas e conceitos abstractos, procura deste modo uma melhor aproximação do Cristo real, identificável com Jesus de Nazaré, filho de Deus e irmão nosso, para nós tendo realizado e continuando a realizar, no decurso da história, Ele que se colocou fora dela à direita do Pai, a obra da nossa salvação. Como se exprime na Introdução, «pensar e seguir Jesus leva consigo narrar e analisar a Escritura, os Padres, os Concílios, as Escolas teológicas, etc. [Com efeito] elas ensinam a relação e compreensão que mantiveram com Ele sucessivas gerações de crentes, os quais, pertencentes a diferentes culturas, constituem as comunidades cristãs de todos os tempos». A história de Jesus é, por isso, a história da sua presença na história humana. A história de Jesus em sua existência terrena assume então duas funções complementares: por um lado, ela constitui o ponto de partida da fé que todos os crentes professam n'Ele; por outro lado, ela constitui o critério sistemático para todas as interpretações posteriores no decurso do tempo.

O fio condutor do texto é assim o próprio fio do tempo, enquanto tempo histórico e teológico de uma só vez. Martínez Fresneda divide-o em cinco capítulos. No primeiro narra os ditos e os feitos de Jesus segundo o NT. No segundo e terceiro, dá-nos conta das interpretações das comunidades primitivas e dos Concílios, seguida da compreensão que a Igreja procurou servindo-se das virtualidades do pensamento grego. O quarto apresenta a função salvífica de Cristo, que iluminou a existência de muitos povos. O quinto e último incide sobre a espiritualidade cristológica, realçando a experiência filial do cosmos, da história humana e da pessoa individual, que – note-se o toque franciscano, também sugerido no título do livro – funda a fraternidade humana e cósmica.

Para uma ideia mais aproximativa do texto em presença, seguindo a ordem dos capítulos, o primeiro concentra-se todo sobre Jesus de Nazaré. Nele o autor analisa os escritos sobre Jesus (as fontes, os evangelhos, os critérios de historicidade), mas também a relação entre politica e religião em Israel, a figura de João Baptista, a vida e ministério de Jesus (inícios, reino de Deus, milagres e parábolas, discípulos, ensino, paixão, morte e ressurreição). O segundo capítulo detém-se sobre os títulos de Jesus: profeta e servo, Messias, Filho do Homem, Filho de Deus, Senhor, Sacerdote e Logos. O capítulo terceiro trata sobre a identidade de Jesus. É aí lugar para a compreensão que sobre ele tiveram e a doutrina que sobre ele estabeleceram a época pós-apostólica e os grandes Concílios dos primeiros séculos: Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedónia. O capítulo IV analisa o título por excelência: o de Salvador, nele incluindo aspectos e subtemas como o da proximidade do Reino, o da continuidade do processo salvífico no decurso da história humana, os perfis da salvação (sacrifício, solidariedade, reconciliação…). O Caminho da salvação ocupa o capítulo quinto. Nele versa sobre a espiritualidade cristológica, com atenção às incidências cósmicas e históricas da salvação, não, de novo, sem uma particular referência ao caminho seguido e proposto por S. Francisco de Assis. Uma relativamente abundante e seleccionada bibliografia preenche as pp. 677-698.

O livro, em muito boa apresentação gráfica e editorial, encadernado e com sobrecapa, tem mais as dimensões de um tratado que propriamente de um simples manual, recomendável para o estudo dos docentes e útil para consulta de enriquecimento por parte dos alunos que têm no seu programa de estudos a unidade curricular de Cristologia.

Jorge coutinho

Rigal, Jean, **Ces questions qui remuent les croyants**, Lethielleux (Groupe Desclée de Brouwer), Paris, 2011, 340 p., 210 x 140, ISBN 978-2-249-62129-1.

A Igreja, ao menos na Europa, anda preocupada, e com razão, com a necessidade de repensar a pastoral. Ela sente que a pastoral que está no terreno já não responde. Mas não se trata só, nem porventura principalmente, da dificuldade no número e na qualidade dos agentes da pastoral. Importa saber bem que mundo (que homem, que cultura) temos diante de nós, para que a pastoral vá ao encontro da realidade real (passe a redundância): atitude perante Deus e a religião, dificuldades no crer, sensibilidade à linguagem que é utilizada, desvios culturais de toda a ordem largamente difundidos pela grande máquina dos *media* (relativismo religioso e moral, escândalos na Igreja, preconceitos dos mais variados, etc.). Esta profunda mutação cultural, com as suas incidências sobre a fé dos crentes, foi já objecto de um livro recente de Jean Rigal, de que fizemos apresentação nesta revista: *La foi en transhumance* (cf. *Theologica* 44, 1 (2009).

O presente texto não visa directamente analisar essa cultura. Fruto de reflexão em grupos de cristãos, ele propõe-se, antes, ajudar os crentes a encontrar respostas para algumas dificuldades mais frequentes na sua fé, provenientes todavia desse novo contexto cultural em que vivem imersos. Num primeiro capítulo Jean Rigal procura explicar o que é verdadeiramente crer, tendo em conta quer a generalizada descrença quer as diversificadas formas de exercer o acto de crer por parte dos crentes. A propósito, põe em evidência algumas qualidades para esse acto de crer: humildade, procura incessante, vontade de diálogo, testemunho, acção comum. O segundo capítulo procura vias de ultrapassagem para a dificuldade hodierna de comunicar a fé. É a problemática da linguagem. Condições a ter em conta são a própria comunicação, a interpretação, a inculturação, a leitura do sentido (para além da letra) quando se trata de textos bíblicos, a justa compreensão de algumas palavras capitais da fé (tais como: salvação, omnipotência de Deus, Glória, sacrifício…). O capítulo seguinte tem em vista ajudar a acolher um dos mistérios fundamentais da fé cristã, qual é o da Trindade divina. Segue-se um outro a tentar responder à pergunta: são os dogmas intocáveis? Com pertinentes considerações quer sobre o dogmatismo quer sobre a necessidade de sobre os dogmas se exercer uma actividade de interpretação, já que nem Deus nem os mistérios com Ele relacionados se deixam encerrar em definições. Reflexões de muito interesse e muito pertinentes são expostas no capítulo quinto, sobre o relativismo de cultura contemporânea, particularmente aplicado aqui à verdade religiosa. Rigal, entre outras coisas, coloca em confronto as posições de J. Ratzinger e de Claude Geffré sobre este assunto, relembra as posições da *Fides et Ratio* sobre a circularidade entre a fé e a razão, que mutuamente se interrogam, e faz a distinção, pertinente, entre relativismo e relatividade. No sexto capítulo é-nos oferecida uma série de reflexões sobre as